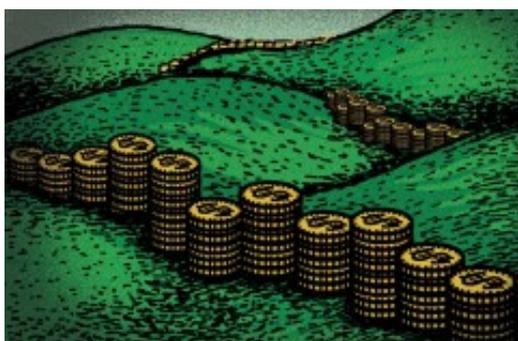


01/08/2017 - 05:00

Um conto chinês

Por **Luiz Belluzzo e Rodrigo Sabbatini**

Homenagem a Ricardo Darin e ao cinema argentino

O grupo chinês AKCOMER foi umas das empresas visitadas por uma delegação de professores e alunos brasileiros em julho deste ano. Fundada em 2006, a empresa é uma das maiores produtoras de painéis fotovoltaicos da China. Surgiu de uma joint venture entre a gigante japonesa Sumitomo e o gerente de uma pequena empresa chinesa de esquadrias de alumínio.

Zou Chenghui, o executivo, era dotado de vigoroso espírito empreendedor: diante da relutância de seu antigo contratante em aceitar o acordo proposto pela Sumitomo, o gerente visionário encampou o negócio financiado a crédito barato dos bancos estatais chineses. Estimulada por uma demanda em franco crescimento na Europa, e apoiada pela efficientíssima logística de apoio às exportações, a jovem empresa chinesa, em meia década, se tornou grande produtora de painéis para energia solar. Na tradição estratégica do Império do Meio, a participação da Sumitomo foi adquirida pelo sócio chinês.

O desenvolvimento econômico chinês é um caso explícito de simbiose entre o Estado e a iniciativa privada

A partir de 2012 a demanda europeia começa a cair, desatando uma onda global de excesso de capacidade para os produtores de equipamentos fotovoltaicos. Mas não na China. Agindo rápido e, mais uma vez ditando o ritmo da taxa de investimento no país, o governo chinês lançou um ambicioso programa de investimentos em energia solar.

Em 2012 a China tinha apenas 7 GW de capacidade instalada em energia fotovoltaica. Ao final de 2016 o gigante asiático tinha decuplicado esta capacidade para mais de 78 GW instalados, cerca de 1/4 do total global. A China assumiu a liderança mundial nessa modalidade de energia renovável. Através de empresas estatais de energia, o Estado garantiu a compra de equipamentos solares produzidos na China (conteúdo local).

A AKCOMER, entre outras tantas empresas chinesas, continuou crescendo em ritmo acelerado. E foi além: desde 2012 verticalizou seus negócios e se tornou também uma das três maiores operadoras privadas de energia solar na China. De esquadrias de alumínio para a operação de grandes plantas de energia solar, passando pela produção de equipamentos fotovoltaicos. Essa trajetória de sucesso seria impensável sem o espírito empreendedor de seu fundador. E seria impossível sem o apoio decisivo do Estado chinês. Exemplo de sinergia (palavra horrível).

Ainda uma vez, o Estado assumiu a responsabilidade de oferecer maior segurança para o cálculo privado - regulando, investindo, financiando, comprando. Escolheu apoiar empresas de grande potencial inovador, que continuam a crescer, dar lucros para os empreendedores e, mais importante, gerar empregos para sua população. Este tipo de escolha parece bem sucedida e até natural, se aceitarmos que entre as "naturezas" do Estado no capitalismo está o impulso para promover o desenvolvimento da sociedade, aí incluídas as empresas, os empresários e os empregados.

Em sua edição de 22 de julho, a revista *The Economist* publicou um artigo com o título de "Seleção Antinatural." A matéria trata do "modo chinês" de articulação entre o público e o privado. A revista lamenta o programa em curso de fusões das empresas estatais (SOEs): "a agência do governo organizou a fusão de portos, ferrovias, produtores de equipamentos e empresas de navegação... Essas ações parecem destinadas a promover campeões nacionais." O presidente Xi Jinping ficou muito tocado: lançou um satélite quântico com transmissão imediata de imagens e informações, sem delay.

O desenvolvimento econômico chinês é um caso explícito de simbiose entre o Estado e a iniciativa privada. Desde os anos 1980, e sobretudo a partir dos anos 1990, há uma clara relação entre um Estado que rege um amplo processo de socialização do investimento e uma classe de jovens empreendedores dotados de um inabalável animal spirit.

O Estado planeja, financia em condições adequadas, produz insumos básicos com preços baixíssimos e exerce invejável poder de compra. Na coordenação entre o Estado e o setor privado está incluída a "destruição criativa" da capacidade excedente e obsoleta mediante reorganizações e consolidações empresariais, com o propósito de incrementar a "produtividade" do capital.

A iniciativa privada dá vazão a uma voraz sede de acumulação de capital através de investimentos em ativos tecnológicos, produtivos e comerciais. O "modelo" chinês remete mais a Keynes e Schumpeter do que a Marx - ou aos três, para aqueles que se dedicam à estudar contribuição desses projetos intelectuais para a compreensão do mercado capitalista. Não há espaço para o rentista, devidamente desestimulado a canalizar sua sede de lucros para investimentos socialmente estéreis. Na China o rentier não precisa de eutanásia. Títulos públicos têm remuneração discreta. Os mercados de capitais são regulados para evitar supervalorizações (e super depreciações) de ativos. O controle do fluxo de capitais especulativos garante a independência da política monetária e a estabilidade do yuan. As verdadeiras oportunidades de lucros extraordinários estão nos investimentos que geram inovações, que adensam a cadeia produtiva, que criam empregos. Não há espaço para investimentos socialmente estéreis.

Em seu discurso na Conferência Nacional sobre a Atividade Financeira, realizada nos dias 14 e 15 de julho de 2017, o presidente Xi Jinping advertiu: "A finança pertence ao coração da competitividade do país, a segurança financeira está no centro da segurança nacional e deve se constituir no fundamento do desenvolvimento econômico e social". Assim funciona o mercado do capitalismo chinês.

Realizando sua natureza "antinatural", o Estado não intervém como um intruso indesejável, mas é um participante estratégico que apoia o investimento privado para reduzir riscos e incerteza. Em sua obra maior, *Civilização Material e Capitalismo*, o historiador Fernand Braudel escreveu: "O erro mais grave (dos economistas) é sustentar que o capitalismo é um sistema econômico... Não devemos nos enganar, o Estado e o Capital são companheiros inseparáveis, ontem como hoje".

Luiz Gonzaga Belluzzo é professor titular do Instituto de Economia da Unicamp. Em 2001, foi incluído entre os 100 maiores economistas heterodoxos do século XX no Biographical Dictionary of Dissenting Economists.

Rodrigo Sabbatini, doutor em economia pela Unicamp, é diretor adjunto da Facamp. Organizou a delegação de estudantes brasileiros à China.